

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. "Castelos Encantados e Castelinhos Residenciais: As Casas Acasteladas Revivalistas em Portugal". In: *Actas do 5º Congresso Internacional: Casa Nobre - Um Património para o Futuro*. Arcos de Valdevez: Município de Arcos de Valdevez, 2020, pp.939-958.



casa
nobre
um património
para o futuro

5º CONGRESSO INTERNACIONAL

casa das artes
arcos de valdevez

CASTELOS ENCANTADOS E CASTELINHOS RESIDENCIAIS: AS CASAS ACASTELADAS REVIVALISTAS EM PORTUGAL

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS
ARTIS – Instituto de História da Arte,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
joaquimr.santos@gmail.com

PRÓLOGO

O advento do Romantismo trouxe com ele uma nostalgia pelo Passado medieval imaginário, idealizado por artistas, estudiosos, governantes, políticos, religiosos, nobres, burgueses e mesmo pelo povo comum mais informado, esse mesmo que propagava uma identidade comunitária medieval forte que unia o povo com o objectivo de alcançar os seus intentos colectivos. (Re)criavam-se as nações com base nas suas pretensas raízes na Idade Média; reformavam-se os regimes políticos vigentes pela Europa fora; renovavam-se os intentos de ânimo da fé cristã inspirados pelo fervor religioso medieval; reforçavam-se as acções de defesa e expansão da civilização cristã no Mundo.

A arquitectura encarnou também este reviver do espírito medieval, reinventando-se e recebendo novos significados e simbolismos. Os revivalismos e os ecletismos historicistas disseminaram-se por toda a Europa, e Portugal não fugiu à regra, exibindo um conjunto de edifícios revivalistas de grande interesse arquitectónico e cultural¹. As grandes catedrais góticas e os imponentes castelos da época medieval eram das estruturas edificadas que mais terão sido imitadas pela arquitectura de finais de Setecentos a inícios de Novecentos, paralelamente aos templos clássicos e a alguns estilos locais (como o manuelino, em Portugal).

O simbolismo dos castelos medievais, com os quais era conotado o poder real, e a sua presença paisagística dominante tornou-os o modelo a ser seguido para a construção das novas residências reais de muitas das casas reinantes europeias, onde Portugal tinha tido um papel muito relevante com a construção do “Castelo da Pena” (hoje conhecido como Palácio da Pena) em Sintra. Paulatinamente, também as classes nobres começaram a erigir os seus próprios castelos revivalistas para residências ou, simplesmente, para habitação estival, seguindo-se mais tarde as classes burguesas abastadas, no intuito de enobrecer visualmente a sua linhagem.

¹ Sobre a arquitectura revivalista neomedieval na Europa e em Portugal, ver entre outros: SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, *Anamnesis del Castillo como Bien Patrimonial: Construcción de la Imagen, Forma y (Re)Funcionalización en la Rehabilitación de Fortificaciones Medievales en Portugal*, Alcalá de Henares, Texto Policopiado (Tese de Doutoramento na Universidad de Alcalá), 2012; BERGDOLL, Barry, *European Architecture 1750-1890*, Oxford, Oxford University Press, 2000; BROOKS, Chris, *The Gothic Revival*, Londres, Phaidon, 1999; FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal*, Lisboa, Bertrand Editora, 1999; PATETTA, Luciano, *L'Architettura dell'Eclettismo: Fonti, Teorie, Modelli (1750-1900)*, Milán, CittàStudi, 1995.

O presente texto² vem no seguimento de um outro desenvolvido por mim anteriormente e publicado nas actas do “III Congresso Internacional: Casa Nobre – Um Património para o Futuro”, intitulado *O Real Paço Acastelado da Pena em Sintra: Edificação de Castelos Neomedievais Oitocentistas*³, onde abordei precisamente a questão o Palácio da Pena enquanto paço acastelado romântico e a sua contextualização no âmbito dos castelos neomedievais aristocráticos em Portugal e na Europa, bem como o papel do mesmo palácio na génese do manuelino como “estilo nacional” em Portugal⁴.

Pretende-se assim dar continuidade ao anterior estudo, analisando de modo sintético não apenas os paços acastelados aristocráticos, mas também as residências acasteladas burguesas em Portugal no período entre finais do século XVIII e a primeira metade do século XX. Esta iniciativa apresenta-se assim como um primeiro intento de inventariação de casas acasteladas revivalistas, que se espera venha a ter continuidade futuramente. De referir que, apesar de muitos destes edifícios serem geralmente designados como “castelo”, na verdade nenhum deles é efectivamente um castelo, sendo alguns deles paços acastelados ou, quanto muito, são na sua maioria casas com alguns elementos acastelados (sobretudo ameias e torres).

OS CASTELOS ENCANTADOS...

Quando falamos em “castelos encantados”, inevitavelmente vêm-nos à memória os castelos da Cinderela ou da Bela Adormecida, criações de Walt Disney inspiradas num conjunto de castelos europeus, de onde imperativamente se destaca o Castelo de Neuschwanstein⁵, em Hohenschwangau (sul da Baviera, Alemanha). E, de facto, o próprio Castelo de Neuschwanstein foi uma criação romântica magnificante, inspirada no lendário Castelo de Lohengrin, cantado na ópera homónima composta por Richard Wagner (1813-1883), mas também no Castelo de Monsalvat, o também lendário castelo onde estaria o mítico Santo Graal.

Este sublime castelo bávaro foi fruto de uma pródiga fantasia romântica do monarca Ludwig II (1845-1886) da Baviera que, entre 1869 e 1886, promoveu a sua edificação segundo o projecto do cenógrafo Christian Jank (1833-1888), de Eduard Riedel (1813-1885) e de Georg von Dollmann (1830-1895). Para isso, as ruínas da antiga fortaleza de Schwangau foram completamente arrasadas, de modo a criar-se a plataforma para o novo castelo que, segundo Ludwig II refere, numa carta escrita a Richard Wagner em 1868, seria reconstruído “segundo o estilo dos antigos castelos germânicos”⁶. Além do Castelo

² Este estudo foi efectuado no âmbito do doutoramento, realizado com o apoio de uma bolsa de investigação com a referência SFRH/BD/21695/2005, concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

³ SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, “O Real Paço Acastelado da Pena em Sintra: Edificação de Castelos Neomedievais Oitocentistas” in *Actas do III Congresso Internacional: Casa Nobre – Um Património para o Futuro*, Arcos de Valdevez, Município de Arcos de Valdevez, 2013, pp. 805-822.

⁴ Devido ao facto do Palácio da Pena em Sintra e do Hotel Palace no Buçaco já terem sido descritos e amplamente analisados no referido texto anteriormente mencionado, optou-se por não os descrever novamente aqui, evitando assim redundâncias e deixando espaço para os restantes edifícios agora estudados.

⁵ Sobre os paços acastelados germânicos, ver entre outros: LIESSEM, Udo, “Castles of the 19th Century in the Upper Middle Rhine Valley”, in *Europa Nostra Bulletin*, Haia, Europa Nostra, 2007, nr. 61, pp. 7-14; ZEUNE, Joachim, “The Perception of the Medieval Castle in the 18th and 19th Centuries in German: Some Remarks on the Genuine Medieval Style”, in *Europa Nostra Bulletin*, Haia, Europa Nostra, 2007, nr. 61, pp. 15-20; TAYLOR, Robert R., *The Castles of the Rhine: Recreating the Middle Ages in Modern Germany*, Waterloo, Wilfrid Laurier University Press, 1998.

⁶ ZEUNE, Joachim, “The Perception of the Medieval Castle in the 18th and 19th Centuries in Germany: Some Remarks on the Genuine Medieval Style”, in *Europa Nostra Bulletin*, Haia, Europa Nostra, 2007, nr. 61, pp. 15-16.

de Neuschwanstein, Ludwig II pretendia promover a edificação de outro edifício acastelado ainda mais fantástico, o Castelo de Falkenstein. Uma vez mais, o projecto seria de Christian Jank, cuja actividade profissional era principalmente a cenografia teatral e, por isso mesmo, teria uma perspectiva mais cénica sobre a arquitectura. No entanto, este fantasioso castelo nunca passou das intenções projectuais; o próprio Castelo de Neuschwanstein não chegou a ser concluído segundo o projecto inicial...

O Castelo de Neuschwanstein não foi o único paço acastelado neomedieval inspirado em contos românticos: Wilhelm I (1810-1869), Duque de Urach, havia lido entusiasticamente o romance *Lichtenstein: Romantische Sage aus der Wuerttembergischen Geschichte*, publicado em 1826 por Wilhelm Hauff (1802-1827). A obra descrevia um castelo fantástico com uma enorme torre de vigia implantado no alto de uma escarpa sobre o Rio Danúbio. O verdadeiro edifício de Lichtenstein, em Honau, era uma residência modesta e parcialmente arruinada, permanecendo somente as paredes até ao primeiro andar. O duque, fascinado pelo romance cujos heróis principais eram precisamente os seus “valentes antepassados”, decidiu que o edifício preexistente de Lichtenstein deveria sofrer uma profunda remodelação, de modo a receber uma imagem acastelada em consonância com a obra literária. Dessa forma, mandou construir o Castelo de Lichtenstein entre 1838 e 1842, segundo projecto de Carl Alexander Heideloff (1789-1865).

Este paço acastelado encarnava o espírito oitocentista germânico relativo às intervenções em edifícios acastelados: se os vestígios existentes (medievais ou posteriores) não correspondiam ao imaginário, muitas vezes remodelavam-se de modo a que passassem a corresponder, amiúde incorporando elementos fantasiosos. Por exemplo, no Império Austro-Húngaro, o Castelo de Seebenstein tinha-se transformado na sede da “Wildensteiner Ritterschaft zur Blauen Erde”, uma instituição que queria reviver o espírito medieval dos cavaleiros. Quando, a partir da década de 1790, a instituição começou a remodelação do conjunto palatino, optou por dotá-lo com um aspecto fortificado, tal como se pensava que havia possuído anteriormente.

Este espírito romântico fazia-se sentir também no Reino Unido⁷: por exemplo, a residência de Strawberry Hill em Twickenham, perto de Londres, foi adquirida em 1747 pelo escritor Horace Walpole (1717-1797), considerado o introdutor do romance gótico negro no Reino Unido, com o seu poema *The Castle of Otranto: A Gothic Story*. O excêntrico novelista pretendia transformar a sua residência num castelo, pelo que se apoiou num comité de consultoria constituído por William Robinson (1720-1775), John Chute (1701-1776), Richard Bentley (1708-1782), James Essex (1722-1784) e James Wyatt (1746-1813) para iniciar a sua ampliação, promovendo na sua residência uma disposição pitoresca que aludiria aos cenários da sua obra literária. Walpole tinha insistido em obter detalhes arquitectónicos góticos correctos para os interiores do seu “castelo”, copiando-os de modelos reais⁸; produziu, desse modo, um edifício revivalista neogótico que cultivava associações visuais entre os ornamentos góticos e a assimetria planimétrica e volumétrica, criando a ilusão de ter sido erigida ao longo dos tempos.

Voltando ao espaço germânico, o mítico Castelo de Wartburg, localizado em Eisenach (Turingia), foi reconstruído por Hugo von Ritgen (1811-1889) entre 1838 e 1890, devido às suas diversas conotações literárias e simbólicas: era um dos principais lugares da poesia alemã, ao ter sido aqui realizado, em 1207,

⁷ Sobre os paços acastelados britânicos, ver entre outros: MACCARTHY, Michael, *The Origins of the Gothic Revival*, Londres, Yale Press University, 1987; WATKIN, David, *The English Vision: The Picturesque in Architecture, Landscape and Garden Design*, Nova Iorque, Harper and Row Publishers, 1982; JONES, Barbara, *Follies & Grottoes*, Londres, Constable, 1974.

⁸ Maria João Neto afirma que Walpole encomendou elementos decorativos para Strawberry Hill a Thomas Pitt (1737-1793), que em 1760 havia viajado por Portugal enquanto embaixador britânico na Corte portuguesa, e por isso se havia inspirado também em exemplos portugueses [NETO, Maria João, “Introdução”, in MURPHY, James Cavanaugh, *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha, in the Province of Estremadura in Portugal: With Remarks to Which is Prefixed an Introductory Discourse on the Principles of Gothic Architecture*, Lisboa, Alêtheia Editores, 2008, pp.13-14].

a lendária *Sängerkrieg*, uma competição de menestrelis que viria a influenciar Wagner a escrever a famosa ópera *Tannhäuser und der Sängerkrieg auf Wartburg*. Neste castelo também viveu e morreu Santa Isabel de Hungria (1207-1231), e Martinho Lutero (1483-1546) transcreveu aqui o Novo Testamento para alemão. Em 1817, durante as celebrações da vitória sobre o exército napoleónico, efectuou-se neste castelo um significativo apelo à unidade germânica.

Aliás, a região do Reno começou a ser considerada uma espécie de santuário nacionalista e símbolo de unidade pan-germânica⁹ contra os invasores estrangeiros¹⁰, motivando que as suas fortificações medievais arruinadas fossem sendo paulatinamente reconstruídas e restauradas, devido à sua associação com a defesa pátria e com as raízes medievais da nação alemã. A reconstrução e a edificação de numerosos edifícios acastelados de inspiração romântica, aludindo à Idade Média – onde estariam as origens pátrias germânicas – surgiram de modo natural, unindo motivações simbólicas e políticas¹¹.

Também política era, precisamente, a (re)construção de castelos por parte de soberanos que sentiram necessidade de afirmar a sua autoridade real e/ou o seu domínio territorial. A dinastia reinante prussiana dos Hohenzollern foi a maior promotora deste tipo de intervenções, como mais uma forma de afirmação do seu poder, tendo-se tornado mesmo uma política interna seguida por vários membros da realeza prussiana¹². A reedificação de paços acastelados no Vale do Reno simbolizava a posse germânica sobre aqueles territórios renanos recém-adquiridos pela Prússia, mas era ao mesmo tempo uma afirmação sobre os súbditos renanos maioritariamente católicos, cuja lealdade a um rei protestante poderia gerar movimentos revolucionários. Estes paços acastelados reconstruídos (e frequentemente reinventados) não tinham apenas intuítos políticos ou de lazer para família real, pois muitos deles albergavam vastas colecções de arte e artefactos históricos e arqueológicos que os tornavam pólos culturais¹³.

O reino da Baviera, sob a dinastia dos Wittelsbach, tentava afirmar-se diante do seu poderoso vizinho austro-húngaro e, ao mesmo tempo, rivalizar com a Prússia nas intenções de unificação dos povos germânicos, e nesse âmbito o monarca bávaro Maximilian II (1811-1864) ordenou a construção do Castelo de Hohenschwangau entre 1833 e 1837, com projecto de Domenico Quaglio (1787-1837). Mais tarde, como

⁹ O germânico Karl Friedrich von Schlegel (1772-1829), um dos principais filósofos românticos, havia inclusivamente afirmado que o Reno era a fiel imagem da pátria, história e carácter alemães [NETO, Maria João, “Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), um Percurso Cultural e Artístico entre a Alemanha, o Brasil e Portugal”, in *VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte: Artistas e Artífices e a sua Mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 2007, p. 389].

¹⁰ Nikolaus Becker (1809-1845) compôs em 1840 o poema *Rheinlied (Canção do Reno)*, posteriormente agraciado pelos monarcas da Prússia e da Baviera.

¹¹ Podem-se mencionar o Castelo de Arenfels em Bad Hönningen, que estava em ruínas e foi reconstruído entre 1847 e 1855 com projecto de Ernst Friedrich Zwirner (1802-1861), impulsionada pelo conde Friedrich von Westerholt-Gysenberg (1804-1868); o Castelo de Braunsfels, construído entre 1840 e 1880 por Rudolph Wiegmann (1804-1865), Josef Maria Hugo von Ritgen (1811-1889) e Edwin Oppler (1831-1880); o Castelo de Marienburg (Schulenburg), construído entre 1857 e 1867 segundo projecto de Conrad Wilhelm Hase (1818-1902) e de Edwin Oppler; o Castelo de Wernigerode, construído entre 1880 e 1883 por Friedrich Freiherr von Schmidt (1825-1891); o Castelo de Reichenstein (Trechtingshausen), cuja reconstrução foi promovida a partir de 1899 por Nicolaus Kirsch-Puricelli (1866-1936); ou o Castelo de Arras (Alf), reconstruído entre 1907 e 1910 com projecto de Peter Marx (1871-1958).

¹² Sob o impulso de Friedrich Wilhelm IV (1795-1861) da Prússia foram reconstruídos ou construídos de novo diversos castelos: o arruinado Castelo de Stolzenfels sofreu a partir de 1836 uma reconstrução total para se adaptar a residência de férias, sob a direcção de Karl Friedrich Schinkel (1781-1841) e, a partir de 1841, de Friedrich August Stüler (1800-1865); o Castelo de Sooneck (Niederheimbach), comprado por Friedrich Wilhelm IV e seus irmãos, foi reconstruído entre 1843 e 1862 sob projecto de Karl Heinrich Schnitzler (1789-1864); o Castelo de Rheinstein (Trechtingshausen), comprado em 1823 pelo príncipe Friedrich Ludwig da Prússia (1794-1863), primo do rei Friedrich Wilhelm IV, foi reconstruído entre 1825 e 1829 com projecto de Johann Claudius von Lassaulx (1781-1848), de Wilhelm Kuhn e de Anton Schnitzler Junior (1796-1873); no enclave da Suábia foi reedificar, entre 1851 e 1867, o Castelo de Hohenzollern (Hechingen), sob projecto de Friedrich Stüler.

¹³ TAYLOR, Robert R., *The Castles of the Rhine: Recreating the Middle Ages in Modern Germany*, Waterloo, Wilfrid Laurier University Press, 1998, pp. 44-45.

forma de afirmar o domínio alemão, o imperador alemão Wilhelm II (1859-1941) mandou restaurar em 1882 o Ordensburg Marienburg (Malbork) na Prússia Oriental, seguindo os projectos de Conrad Steinbrecht (1849-1923) e de Bernard Schmid (1872-1947)¹⁴, e entre 1900 e 1908 o Hohkönigsburg¹⁵ (Orschwiler) no antigo território francês da Alsácia, segundo projecto de Bodo Ehardt (1865-1945)¹⁶.

No Reino Unido, a rainha Victoria I (1819-1901), cuja ascendência era quase inteiramente germânica, havia-se casado com o príncipe germânico Albert de Saxe-Coburgo-Gota (1819-1861). Os soberanos britânicos sentiam alguma necessidade em legitimar a sua autoridade real e desejavam a aprovação dos seus novos súbditos, e por isso a reforma do Castelo de Balmoral entre 1853 e 1857, segundo um projecto de Albert com a contribuição de William Smith II (1817-1891), terá sido parte desse processo. Em França, o Castelo de Pierrefonds foi reconstruído entre 1857 e 1885, segundo o projecto de Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879), Maurice-Augustin-Gabriel Ouradou (1822-1884) e Jean Juste Lisch (1828-1910), para servir como residência de Verão ao imperador francês Napoléon III (1808-1873). Finalmente no Império Austro-Húngaro, para afirmar a posse dos territórios fronteiriços do Tirol do Sul e da Boémia, o imperador Franz Joseph I (1830-1916) ordenou respectivamente o restauro do Castelo de Karlstein¹⁷ (Karlštejn) entre 1870 e 1899, sob a direcção de Friedrich von Schmidt e de Josef Mocker (1835-1899), e o restauro do Castelo de Runkelstein¹⁸ (Bolzano), realizada entre 1884 e 1888 segundo projecto de Friedrich von Schmidt (1825-1891).

Entre esses aristocratas germânicos que realizaram intervenções em paços acastelados estava o duque Ernst I de Saxe-Coburgo-Gota (1784-1844), tendo sido realizadas remodelações significativas nos diversos paços ducais situados na Turíngia. As remodelações do Palácio de Rosenau (Oeslau) entre 1808 e 1817, do Palácio de Ehrenburg (Coburgo) entre 1810 e 1819, do Castelo de Callenberg (Beiersdorf) a partir de 1827, do Castelo de Reinhardsbrunn (Friedrichroda) em 1827, e do próprio Veste Coburg (Coburgo) entre 1820 e 1838, permitiram que estes tivessem adquirido uma aparência goticista ou levemente acastelada – os dois primeiros seguindo projectos de Karl Schinkel, e os dois últimos de Carl Heideloff, desconhecendo-se a autoria da intervenção no Castelo de Callemberg.

O duque Ernst I era tio do rei consorte Fernando II (1816-1885), que havia contraído matrimónio com a rainha portuguesa Maria II (1819-1853). Fernando II provinha das famílias aristocráticas de Saxe-Coburgo-Gota (de origem germânica) e Koháry (de origem magiar, integrada no Império Austro-Húngaro). Nascido em Viena, desde cedo demonstrou interesse pelas artes, fruto do ambiente cultural vivido nas pequenas cortes da Europa Central. Fernando II certamente conheceria bem as residências intervencionadas pelo seu tio Ernst I, já que na sua infância ocorreram estadias na Turíngia; inclusivamente teria a plena percepção do intenso movimento construtivo no mundo germânico e britânico, onde neste último, aliás, o seu primo direito Albert era rei consorte, após o seu casamento com a rainha Victoria.

¹⁴ Entre 1817 e 1855, a mando de Friedrich Wilhelm III (1770-1840) da Prússia, havia existido já uma reconstrução do castelo, realizada segundo o projecto de Karl August Gersdorff (1788-1855), sob supervisão de Karl Schinkel.

¹⁵ Actualmente denomina-se como Castelo de Haut-Kœnigsbourg.

¹⁶ Bodo Ehardt foi também o projectista do restauro do Castelo de Marksburg, situado no território de Nassau, anexado pela Prússia ao Império Austro-Húngaro em 1866; esse restauro iniciou-se em 1900. Wilhelm II mandou construir ainda, entre 1905 e 1910, o novo Castelo Imperial de Posen (em Poznań) na região polaca do Rio Varta, que havia sido anexada pela Prússia em 1793; construído segundo o projecto de Franz Schwechten (1841-1924), era parte do programa de germanização desta região, que pretendia erradicar a língua e cultura polaca.

¹⁷ Actualmente chamado Hrad Karlštejn.

¹⁸ Também chamado Castelo Roncolo.

Em 1838 Fernando II arrematou, em hasta pública, o Convento de Nossa Senhora da Pena¹⁹ e terras envolventes, comprometendo-se a cuidar da conservação no edifício, considerado monumento nacional. O abandonado conjunto conventual hieronimita apresentava-se cenograficamente implantado sobre um dos agrestes picos da Serra de Sintra, nos arredores de Lisboa, localizando-se de forma privilegiada dentro da famosa mística romântica de Sintra, fenómenos estes observados pelo poeta britânico George Gordon Noel (1788-1824), Barão de Byron, quando em 1809 qualificou Sintra como um “Éden glorioso e rico, o mais agradável da Europa”²⁰. Em 1841 Fernando II decidiu efectuar uma ambiciosa ampliação do conjunto edificado, mediante o acrescento de edifícios novos articulados com a reformulação da estrutura conventual preexistente, transformando o antigo convento num local para estadias da família real em Sintra.

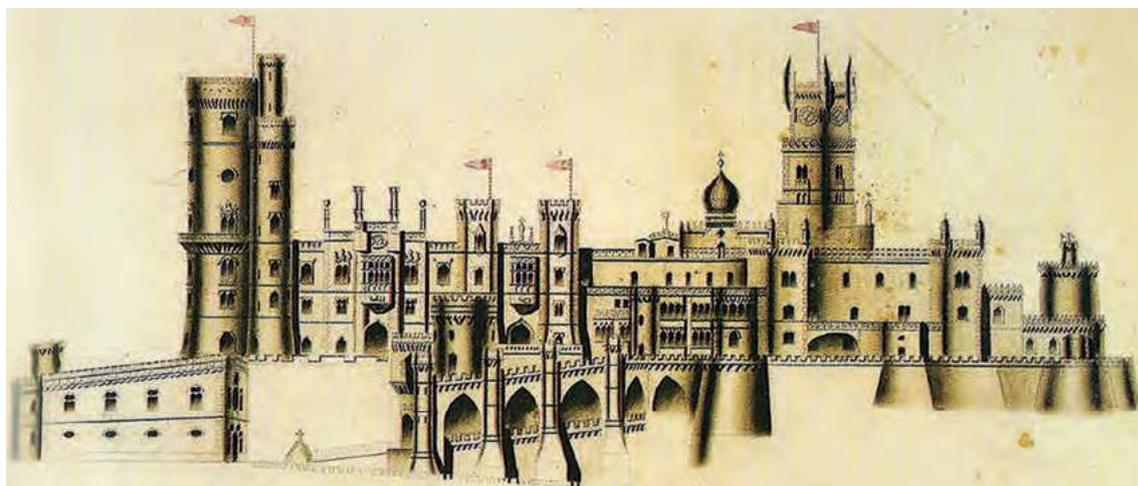


Fig. 1 – Projecto para o alçado principal do Paço Acastelado da Pena, desenho técnico aguarelado realizado pelo Barão de Eschwege, c. 1842 (fonte: *Parques de Sintra – Monte da Lua*).

O novo complexo residencial régio da Pena²¹, uma vez terminado, possuía características que motivaram a denominação “castelo” e “paço acastelado”, além de “palácio”. No entanto, o edifício não possuía qualquer função militar, já que a maioria dos seus elementos arquitectónicos com características

¹⁹ O edifício conventual foi erigido entre 1503 e 1511 com projecto de Diogo de Boytac (c. 1460-1528) ou, segundo alguns autores, do italiano João Potassi. O rei Manuel I (1469-1521) ordenou a reconstrução do pequeno eremitério aí existente e o seu engrandecimento, tornando-o um convento destinado à Ordem de São Jerónimo, como forma de agradecimento pelo sucesso da viagem de Vasco da Gama (1469-1524) à Índia. A Serra de Sintra era já conhecida pela sua aura mística, e este local particular, onde o convento foi construído, estava sagrado por uma lenda relativa à descoberta milagrosa, na Idade Média, de uma imagem de Nossa Senhora, o que motivou a construção do eremitério em 1372, que desde aí se tornou local de romaria. Sobre este convento, ver entre outros: SILVA, Raquel Henriques da, “A Propósito do Paço Real de Sintra”, in *Estudos de Arte e História: Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Lisboa, Veja, 1995, pp. 279-291; SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal: Das Origens aos Fins do Século XVII*, Porto, Edição do autor, 1996; SOUSA, António Dâmaso de Castro e, *Memoria Historica sobre a Origem da Fundação do Real Mosteiro de N. S. da Pena, que Pertenceu aos Monges da Ordem de S. Jeronymo; Actualmente Palácio Acastellado, Situado na Serra de Cintra*, Lisboa, Typographia de Antonio José Candido da Cruz, 1841.

²⁰ BYRON, George Gordon, *Childe Harold's Pilgrimage: A Romaunt*, London, John Murray, 1837, p. 25.

²¹ Sobre o Palácio da Pena, ver: SCHEDEL, Mariana, PEREIRA, António Nunes, “D. Fernando II e o Palácio da Pena: Olhar Oitocentista Sobre a Época Manuelina e os Exotismos”, in *ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Património*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2016, série 2, nr. 4, pp. 42-49; SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, “O Real Paço Acastelado da Pena em Sintra: Edificação

de fortificação (barbacã, ameias, torres, guaritas, botaréus, etc.) eram meros ornamentos decorativos. O “Castelo da Pena” incluía-se dentro do vasto movimento romântico que havia despontado pela Europa, com um impacto maior no Reino Unido e no espaço germânico. Imbuído de ideais românticos, a Fernando II optou por uma linguagem arquitectónica inspirada nas fortificações medievais para a sua nova residência régia, localizada no seio da mística romântica de Sintra.

O modelo compositivo de organização planimétrica, volumétrica e espacial irregulares do Palácio da Pena, com diversos corpos semi-independentes que se iam articulando e adaptando às características topográficas e paisagísticas, implantando-se assim cenograficamente sobre colinas, era semelhante ao Veste Coburg e ao Castelo de Callemberg Ernst I, tio de Fernando II, bem como a outros castelos germânicos já mencionados. Não admira, por isso, que o príncipe Félix Andreas Lichnowsky (1814-1848), enviado da Prússia a Portugal, tenha imediatamente estabelecido comparações com os castelos do Vale do Reno e da Baviera²², aquando a sua visita ao Palácio da Pena a convite de Fernando II. Além dos ideais românticos medievalizantes perseguidos pelo monarca português, outras duas motivações terão estado também por detrás da intenção do soberano: a afirmação simbólica da casa reinante portuguesa, e a sua própria aceitação como rei português, não obstante a condição de estrangeiro.

Além das origens de Fernando II e conseqüentes influências culturais, as afinidades com o mundo germânico estenderam-se ainda ao personagem eleito para projectar o novo paço acastelado da Pena, em Sintra. O monarca nomeou como responsável para o projecto o barão Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), um engenheiro militar também germânico, natural da região renana de Hesse-Cassel, vizinha à Turíngia, que veio para Portugal em 1807. Eschwege possuía uma formação com relativamente pouca prática na arquitectura²³, tendo-se inspirado em publicações que reproduziam *cottages* revivalistas britânicos, como o Castelo de Belvoir, e nos paços acastelados da sua Renânia natal, nomeadamente o Palácio de Babelsberg.

Porém, Fernando II preferiu valorizar a linguagem manuelina para o seu castelo. Para tal não terá sido displicente o facto do manuelino começar então a surgir como o “estilo arquitectónico português”, mas

de Castelos Neomedievais Oitocentistas” in *Actas do III Congresso Internacional: Casa Nobre – Um Património para o Futuro*, Arcos de Valdevez, Município de Arcos de Valdevez, 2013, pp. 805-822; CARNEIRO, José Martins, *O Imaginário Romântico da Pena*, Lisboa, Chaves Ferreira Publicações, 2009; HANSCHKE, Ulrike, “Romantische Visionen im ‘Glorious Eden’: Die Entwürfe des Kasseler Architekten Julius Eugen Ruhl für das Schloss Pena in Sintra”, in *In Situ: Zeitschrift für Architekturgeschichte*, Worms, Wernersche Verlagsgesellschaft, 2009, nr. 1, pp. 91-102; NETO, Maria João, “Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), um Percurso Cultural e Artístico entre a Alemanha, o Brasil e Portugal”, in *VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte: Artistas e Artífices e a sua Mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 2007, pp. 385-392; PEREIRA, Paulo, *O Palácio da Pena*, Londres, Instituto Português do Património Arquitectónico – Scala Publishers, 1999; TEIXEIRA, José, *D. Fernando II, Rei-Artista, Artista-Rei*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1986; BRANCO, Fernando Castelo, “Presença de Lisboa na Arquitectura do Castelo da Pena”, in *Lisboa: Revista Municipal*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1986, serie 2, nr. 16, pp. 38-46; EHRHARDT, Marion, *D. Fernando II: Um Mecenas Alemão Regente de Portugal*, Porto, Paisagem Editora, 1985.

²² «(...) Existem no Reno, e nos Alpes Bavaros castellos de reis, e de príncipes, achando-se todos elles em terrenos, que permittiam uma extensão de obras muito maior, e havendo alcançado a honra de serem celebrados em immensos escriptos tanto em prosa, como em verso; e todavia como parecerão pobres, e imperfeitos os seus ornamentos, se os compararmos com as delicadas laçarias, e phantasticos arabescos, que na Pena se elevam sobre as arcarias, e á semelhança de hera abraçam-se em torno das columnas, e pendem das agulhas, e das balaustradas das janellas, desenhando-se admiravelmente com sua côr alvíssima, no azul escuro de um ceo meridional, e produzindo a mesma impressão que os sonhos, e canções Arabicas (...)» [LICHNOWSKY, Felix Andreas von, *Portugal: Recordações do Anno de 1842*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1845, pp. 126-127].

²³ Segundo Ulrike Hanschke, Eschwege terá tido também alguma formação em arquitectura com Heinrich Christoph Jussow (1754-1825), arquitecto do paço acastelado de Löwenburg (Cassel), construído entre 1793 e 1800 próximo à sua terra natal, pelo que terá adoptado algumas influências desse paço para o projecto do paço acastelado de Sintra [HANSCHKE, Ulrike, “Romantische Visionen im ‘Glorious Eden’: Die Entwürfe des Kasseler Architekten Julius Eugen Ruhl für das Schloss Pena in Sintra”, in *In Situ: Zeitschrift für Architekturgeschichte*, Worms, Wernersche Verlagsgesellschaft, 2009, nr. 1, p. 98].

também pela admiração que este monarca tinha para com Manuel I, poderoso monarca português, protector das artes numa época em que Portugal “deu novos mundos ao Mundo”. Desse modo, Fernando II assumia uma espécie de continuidade: o papel de herdeiro da dinastia portuguesa e, neste caso, assumi também o restauro simbólico da aura do “mais glorioso rei português”, que governou um vasto império espalhado pelo Mundo fora. Fernando II nutria de facto uma admiração genuína por Manuel I, tendo sido ambas pessoas cultas, amantes da história, protectores do património e os dois contribuíram para estimular as artes, para além de terem sido políticos hábeis.

Tal teria de facto sentido, já que Fernando II desejava o reconhecimento real pelos seus súbditos como rei português, e era por isso natural que desejasse que o seu castelo se apresentasse como um edifício inequivocamente português, se possível baseando-se na época mais grandiosa da História de Portugal, a época de Manuel I. A edificação do “Castelo do Santo Graal alcantilado sobre o Jardim de Klingso”, mencionado por Richard Strauss e que havia apaixonado os românticos estrangeiros²⁴, encontrava-se terminado em 1865. E para quem o observa coroando a Serra de Sintra, passeia pelos seus jardins mágicos ou parte à descoberta dos segredos escondidos no seu interior, o Palácio da Pena encarna com naturalidade o modelo de “castelo encantado”!



Fig. 2 – Projecto cenográfico para as Portas de Coimbra no Palácio do Buçaco, desenho de Luigi Manini, 1886 (fonte: *Direcção-Geral do Património Cultural – SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*).

Algumas décadas depois, a rainha consorte Maria Pia (1847-1911), esposa do monarca português Luís I (1838-1889), decidiu edificar uma nova residência régia acastelada na Serra do Buçaco (Mealhada)²⁵, que era frequentemente denominada como a “Sintra do Norte”. Uma vez mais se aproveitaria um convento seiscentista preexistente relativamente abandonado, o antigo Convento de Santa Cruz do Buçaco, da Ordem das Carmelitas Descalças. Em 1888, o arquitecto, pintor e cenógrafo italiano Luigi Manini (1848-1936)

²⁴ FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Bertrand Editora, 1990, vol. 1, p. 300.

²⁵ Sobre o Palace Hotel do Buçaco, ver entre outros: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, *Monumentos*, Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2004, nr. 20; PAULINO, Francisco Faria (coord.), *O Neomanuelino – Ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimentos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

projectou a ampliação e remodelação do antigo convento, por instância de Emídio Júlio de Navarro (1844-1905), Ministro das Obras Públicas. Após uma primeira proposta cenográfica para erguer um edifício acastelado com influências do norte de Itália, Manini acabou por se inspirar para o seu projecto em vários edifícios manuelinos emblemáticos²⁶. O resultado final, proporcionado pelas contribuições de Nicola Bigaglia (1841-1908) e de Manuel Norte Júnior (1878-1962), originou um conjunto com linguagem arquitectónica ecléctica; porém, a ideia do paço régio de vilegiatura acabou por ser abandonada, tendo o conjunto sido transformado num hotel.

...E OS CASTELINHOS RESIDENCIAIS

Entre os séculos XVIII e XIX presenciou-se uma intensa campanha construtiva em redor dos edifícios residenciais aristocráticos e da alta burguesia britânica, localizados especialmente nas províncias rurais: foram realizadas numerosas intervenções em paços acastelados (*fortified manor houses*) para ampliá-los e dotá-los de melhores condições de comodidade. As intervenções mais profundas constavam da demolição e posterior reconstrução do conjunto medieval, ou da extensa ampliação e reformulação das preexistências; em ambos os casos, a fisionomia dos edifícios medievais era enormemente modificada.

Alguns edifícios medievais reconstruídos (com frequência quase completamente) mantiveram a sua aparência militar, como por exemplo: as intervenções de Daniel Garrett (†1753), Lancelot Brown (1716-1783) e Timothy Lightoler (1727-1769) no Castelo de Warwick entre 1748 e 1769; de Robert Smirke (1781-1867) no Castelo de Eastnor (Ledbury) reedificado em 1810; no Castelo de Windsor entre 1824 e 1836 por Jeffry Wyattville (1766-1840) com contribuição de Anthony Salvin (1799-1881); ou no Castelo Coch (Tongwynlais) construído entre 1871 e 1891 por John Patrick Crichton-Stuart (1847-1900), Marquês de Bute, e por William Burges (1827-1881). Noutros casos, os conjuntos que sofreram intervenções afastaram-se das formas fortificadas, assemelhando-se mais a palácios que mantiveram, no entanto, alguns elementos meramente decorativos aludindo à arquitectura defensiva medieval, como por exemplo o Castelo de Lumley (Chester-le-Street) construído em 1722 por John Vanbrugh (1664-1726), o Castelo de Belvoir (Redmile) com intervenção de James Wyatt em 1801, ou o Castelo de Inverness, erigido em 1836 segundo projecto de William Burn (1789-1870).

Estabelecidos os cânones neogóticos, os novos castelos britânicos adoptaram, além dos ornamentos goticistas inspirados na arquitectura militar medieval (torres, torreões, ameias, guaritas, frestas, seteiras), uma assimetria planimétrica e volumétrica. No entanto, uma vez mais estes conjuntos edificados não possuíam nenhuma função militar, constituindo-se como residências aristocráticas ou da alta burguesia. São exemplificativos diversos edifícios erigidos com estas características: o Castelo de Downton (Downton on the Rock), construído entre 1750 e 1778 por Richard Payne Knight (1750-1824); o Castelo de Abbotsford (Melrose), mandado construir pelo novelista Walter Scott (1771-1832) a partir 1816, sob projecto de William Atkinson (1773-1839); ou o Castelo de Caerhays (Cornualha), terminado em c. 1808 com projecto de John Nash (1752-1835) para John Trevanion, primo do Barão de Byron.

Mas existiram alguns casos onde a ênfase volumétrica, associada à expressividade dos materiais, concedeu uma aparência de maior robustez aos edifícios, aproximando-os mais dos castelos medievais. São os casos, por exemplo, do Castelo de Gwrych (Abergele), construído entre 1819 e 1825 segundo o projecto de Charles Augustus Busby (1788-1856), o Castelo de Gosford, construído entre 1819 e c. 1850

²⁶ PEREIRA, Denise, LUCKHURST, Gerald, "Luigi Manini no Buçaco: Os Passos da Cenografia à Arquitectura e as Peripécias do Processo Administrativo", in *Monumentos*, Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2004, nr. 20, pp. 51-55.

por Thomas Hopper, e o Castelo de Peckforton, edificado entre 1844 e 1850 segundo o projecto de Anthony Salvin. Além do aspecto de firmeza proporcionado pela pedra aparente, estes edifícios possuíam torres, torreões e cubelos cuja aparência maciça, juntamente com as ameias, guaritas e balcões, acentuava um perfil bélico defensivo sem contudo possuírem verdadeiramente funções militares.

No espaço germânico, vários aristocratas de pequenos estados promoveram também a reconstrução ou edificação dos seus palácios acastelados, como forma de afirmação de um poder que estava em claro declínio, mercê das revoluções populares contra o Antigo Regime, do enfraquecimento das autoridades feudatárias frente ao crescente poderio da Prússia, e do desenvolvimento de uma nova elite burguesa endinheirada proveniente da Revolução Industrial, que muitas vezes comprava os seus próprios títulos nobiliárquicos. A reconstrução dos castelos representava um símbolo de poder e o direito à autoridade e privilégios tradicionais, concedidos aos antepassados dos proprietários nobres; mas também a nova elite burguesa altamente capitalista pretendeu fazer valer o seu pretenso poder simbólico, mediante a construção de novos paços acastelados²⁷.

Entre finais do século XVIII e princípios do século XX, a recriação livre e fantasiosa de elementos arquitectónicos do Passado, sem submissão à rigidez de princípios, tecnologias ou estéticas subjacentes a cada estilo arquitectónico, propiciou novas interpretações inventivas, enfatizando os efeitos estéticos visuais e originando uma produção frequentemente denominada como eclética. A liberdade concedida pelos ecletismos produzia frequentemente edifícios híbridos. Em relação à arquitectura civil, as classes sociais mais elevadas, tentando afirmar o seu estatuto social, continuavam a adoptar em muitos casos formas arquitectónicas baseadas em elementos defensivos da Idade Média, geralmente aplicadas a residências urbanas ou de veraneio. Em Portugal podia-se inclusivamente reconhecer, em alguns casos, a persistência de uma tradição vinculada aos solares rurais, onde a existência de torres ou ameias coroando os edifícios aludia à questão simbólica de afirmação social, algo que permaneceu desde a Idade Média até às vésperas da Idade Contemporânea; porém, o uso do crenelado (ameias) e de elementos vinculados à arquitectura fortificada foi ficando cada vez mais liberalizada nos alvares da Idade Contemporânea, consoante os gostos dos proprietários das residências.

Podem-se mencionar diversos casos de edifícios residenciais portugueses onde se encontram elementos arquitectónicos inspirados nas fortificações medievais, maioritariamente ameias e torres. Se, num primeiro momento, estas residências acasteladas foram construídas maioritariamente pela aristocracia e, mais tarde, pelas classes burguesas mais elevadas, também se encontram casos mais tardios de casas com

²⁷ Nos espaços culturais francês, italiano e espanhol, cuja forte influência classicista continuava a ser dominante, não foi tão propícia a actividade de construção ou reconstrução de paços acastelados revivalistas neomedievais, contrariamente ao que havia ocorrido nos espaços britânico e germânico; mas ainda assim, podem ser mencionados vários exemplos de paços acastelados revivalistas construídos de raiz ou significativamente reconstruídos sem ter em conta a forma original da estrutura edificada. Em França podem-se referir, por exemplo: o Castelo de Angoulême, remodelado por Paul Abadie (1812-1884) entre 1854 e 1869; o Castelo de Golf de Bourmel (Franche-Comté), construído em 1860 sob projecto de François Joseph Parent (1823-1884); o Castelo de Fines Roches (Chateaufort-du-Pape), erigido em finais do século XIX; ou a Torre de Magdala (Rennes-le-Château) construída por François Bérenger Saunière (1852-1917) em c. 1900. Em Itália podem-se referir: o Castelo de Bonoris em Montichiari, que entre 1890 e 1901 sofreu uma ampla reconstrução revivalista para Gaetano Bonoris (1861-1923), com projecto de Antonio Tagliaferri (1835-1909) e de Carlo Melchioni (1839-1917); o Castelo de Pollenzo, uma recriação medieval idealizada por Pelagio Palagi (1775-1860) com a contribuição de Ernest Melano (1792-1867), construído a partir de 1884; o Castelo de Loreto (Lago de Iseo), projectado por Luigi Tombola (1863-1956) em c. 1910 sobre o lugar onde havia existido um convento medieval; ou o Castelo de Fantini-Braschi (Forlimpopoli), reconstruído a partir de 1928 por Virgilio Fantini (1887-1966). Em Espanha podem-se referir: o Castelo de Butrón, construído na segunda metade do século XIX com projecto de Francisco González-Montes (1826-1899); o Castelo da Imperatriz Eugénia de Montijo (Arteaga) mandado construir em 1856 por Maria Eugénia Kirkpatrick (1826-1920) sob projecto de Louis-Auguste Couvrefchep († 1860) e Gabriel-Auguste Ancelet (1829-1895); o Castelo de Bendinat, construído entre c. 1855 e 1867 por Pere Álvarez de Toledo (1829-1888), Marquês de la Romana; ou o Castelo de Olite, fantasiadamente restaurado a partir de 1923 por José Yáñez Larrosa (1884-1966) e Javier Yáñez Larrosa (1886-1959).

elementos acastelados pertencentes a outros estratos sociais intermédios, algumas das quais construídas muito recentemente mas que, por opção, ficam fora do escopo do presente estudo, cuja baliza temporal se situa entre finais do século XVIII e a primeira metade do século XX.

De modo muito sintético, e ordenando este rol por ordem cronológica, é possível, desde já, fazer uma primeira inventariação de edifícios residenciais acastelados existentes em Portugal que tenham sido construídos ou fortemente remodelados entre os limites temporais anteriormente definidos. Nesta lista preliminar apenas surgem edifícios que tenham, de facto, uma componente que aluda, com alguma relevância, à arquitectura defensiva medieval, nomeadamente a existência de torres, ameias e outros elementos. Contudo, não basta que existam somente ameias ou torres para que o edifício seja considerado para esta lista; é necessário que a percepção da componente “fortificada” seja de algum modo patente, ainda que com maior ou menor grau de evidência. Além dos dois edifícios anteriormente mencionados – Palácio da Pena e Hotel Palace do Buçaco –, podemos mencionar também:

– O primitivo paço acastelado da Quinta de Monserrate²⁸, localizado na Serra de Sintra²⁹, era uma residência com elementos inspirados na arquitectura militar medieval, construída ainda antes da edificação do Palácio da Pena. Após ter ficado bastante arruinado com o terramoto de 1755, a Quinta de Monserrate havia sido reconstruída entre c. 1790 e 1793 pelo seu rendeiro, o rico comerciante britânico Gerard De Visme (1726-1797)³⁰. Na parte exterior, o edifício apresentar-se-ia inicialmente como um bloco longitudinal rematado nos seus extremos por duas torres cilíndricas mais altas, estando o seu centro composto por um corpo mais elevado onde se situaria a entrada principal. Apresentando uma evidente simetria geral, o edifício possuiria janelas ogivais e um coroamento de ameias em todo o remate superior das fachadas.

– O Castelo de Portuzelo³¹, perto de Viana do Castelo, foi iniciado em 1853 para residência do poeta António Pereira da Cunha (1819-1890). O edifício possui um carácter claramente coincidente com os paços acastelados medievais, sendo constituído por uma barbacã e um fosso; uma ponte levadiça e uma passagem abobadada permitiam o acesso a um pátio fechado onde existia uma torre cilíndrica. A estrutura propriamente residencial, de planta quadrangular, apresentava coberturas planas diferenciadas; a fenestração ao nível do piso térreo era composta por frestas em cruz e óculos circulares, sendo constituída no piso superior por janelas com balaustradas ou balcões. Na parte central do edifício erguia-se uma torre quadrangular com guaritas nos ângulos superiores aludindo simultaneamente à Torre de São Vicente em Lisboa e às torres de menagem dos castelos; o conjunto era coroado com ameias e pontuado por guaritas circulares de cobertura cónica nas esquinas. Finalmente, a decoração das fachadas exibia elementos revivalistas neogóticos e neomanuelinos.

²⁸ Sobre este edifício, ver: NETO, Maria João, *Monserrate: A Casa Romântica de Uma Família Inglesa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015; LUCKHURST, Gerald, “Gerard de Visme and the Introduction of the English Landscape Garden to Portugal (1782-1793)”, in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011, nr. 20, pp. 127-160; COUTINHO, Glória Azevedo, *Monserrate: Uma Nova História*, Livros Horizonte, Lisboa, 2008; COSTA, Francisco, *História da Quinta e Palácio de Monserrate*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1985.

²⁹ Aliás, Fernando II teria tentado adquirir, sem sucesso, o complexo edificado de Monserrate e respectivas terras, de modo a juntá-las às suas recentemente adquiridas propriedades da Pena e Castelo dos Mouros. Terá derivado deste intento a planta de levantamento e alçado da residência neogótica de Monserrate feita em c.1841 por Nicolau Pires, o qual havia feito em 1939 o levantamento do convento jerónimo de Sintra a mando de Fernando II [NETO, Maria João, *Monserrate: A Casa Romântica de Uma Família Inglesa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015, p. 11].

³⁰ O edifício primitivo foi substituído por outro, projectado em 1858 pelo arquitecto britânico James Knowles Junior (1831-1908) para o rico negociante britânico Francis Cook (1817-1901). Mas ainda é possível encontrar vestígios visíveis exteriormente do primitivo edifício, na parte nascente: o embasamento ameado do conjunto, bem como o piso inferior parcialmente subterrâneo, com janelas ogivais neogóticas.

³¹ Sobre este edifício, ver: SORDO, Albano, “O Castelo de Portuzelo”, in *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1974, vol. 3, pp. 61-64.

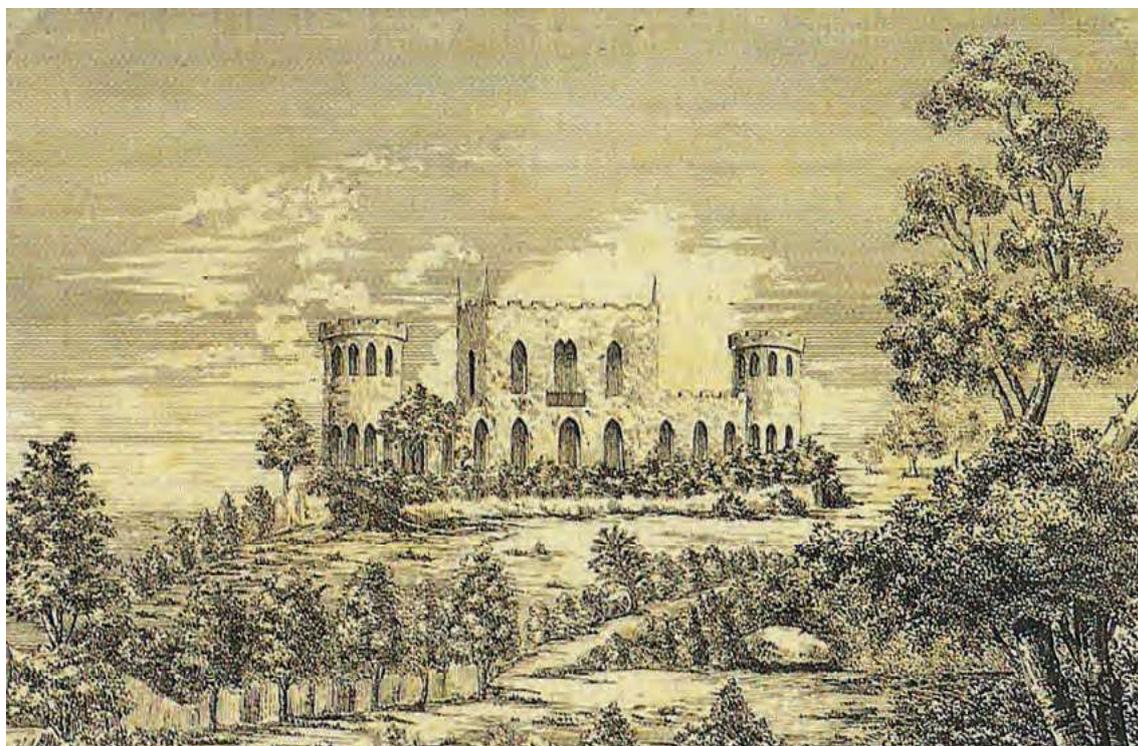


Fig. 3 – Vista do primitivo Palácio de Monserrate, litografia de autor anónimo, 1852
(fonte: *Parques de Sintra – Monte da Lua*).

– A casa acastelada dos Oliveira Maya³², no Porto, projectada e construída entre 1855 e 1858 por Domingos Oliveira Maya (1798-1863), fidalgo-cavaleiro da Casa Real e abastado proprietário de terras que, na década de 1820, viajou pela Europa. A fachada principal da casa, de três andares, encontra-se dividida em três tramos, correspondendo respectivamente a dois volumes semi-octogonais nos extremos, ladeando o tramo central recto; neste tramo central encontra-se a entrada principal no piso térreo, uma varanda no primeiro piso e um pequeno terraço recuado no último piso, sendo os volumes laterais marcados por uma janela em cada piso. Não obstante a fenestração possuir uma estética claramente barroquizante nas formas e molduras, bem como na varanda e frontão curvilíneo, a forma acastelada surge no coroamento de ameias, no uso de pedra aparente na fachada e, sobretudo, nos volumes laterais, que aludem aos cubelos e torres cilíndricas ou poligonais das portas fortificadas da arquitectura militar (apresenta semelhanças com algumas portas fortificadas romanas, muçulmanas e medievais), mas também com as portas ladeadas

³² Sobre este edifício, ver: GRAÇA, Manuel Azevedo, “Domingos de Oliveira Maya: Percurso de um Riscador Amador ou da Responsabilidade Técnica no Porto de Meados de Oitocentos”, in FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (coord.), *Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Porto, CEPES – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2007, pp. 321-330; GRAÇA, Manuel Azevedo, *Construções de Elite no Porto (1805-1906)*, Porto, texto policopiado (dissertação de Mestrado na Universidade de Porto), 2004, vol. 1, pp. 105-110; AFONSO, José Ferrão, *A Rua das Flores no Século XVI: Elementos para a História Urbana do Porto Quinhentista*, Porto, FAUP Publicações, 2000, pp. 264-266; CARVALHO, Maria Filomena Barros de, *Arquitectura e Vilegiatura na Foz do Douro (1850-1910)*, Porto, texto policopiado (dissertação de Mestrado na Universidade de Porto), 1997, vol. 1, pp. 59-63.

de torretas das residências revivalistas acasteladas britânicas e germânicas, lembrando ainda a fachada principal da Sé Catedral da Guarda.

– O edifício acastelado no Parque de Santa Gertrudes³³, em São Sebastião da Pedreira, Lisboa, projectado em c.1870 pelo cenógrafo italiano Giuseppe Cinatti(1808-1879) para José Eugénio de Almeida (1811-1872); o edifício, situado nas traseiras do Palacete José Eugénio de Almeida, foi construído inicialmente como cocheira, sendo depois transformado em residência; a sua singular forma acastelada sugeria claramente um pequeno castelo medieval, que simbolizava a posição e prestígio do seu proprietário. O edifício organizava-se longitudinalmente, com duas alas de distintas alturas separadas mediante um corpo central mais largo e demarcado por contrafortes octogonais; os extremos do edifício estavam fechados por torres e dois pequenos corpos perpendiculares que formavam, com o corpo principal, uma planta em U; o coroamento com ameias e frisos em arcatura, as guaritas poligonais, as frestas, os contrafortes e os motivos neogóticos, neo-românicos e neomanuelinos traduziam o ecletismo patente no programa construtivo.



Fig. 4 – Edifício acastelado do Parque de Santa Gertrudes em Lisboa, gravura de Alberto, 1884 (fonte: *O Occidente*, vol. 7, nr. 205).

– O Castelinho do Visconde de Juromenha, em Lisboa, mandado construir na segunda metade do século XIX por João António Pereira de Lacerda (1807-1887), Visconde de Juromenha. O edifício, de dois andares, encontra-se coroado por ameias na sua parte superior, sendo que em ambos os extremos da fachada principal se erguem, acima da cimalha, duas torretas ameadas de um andar; a entrada principal encontra-se a eixo, sendo o alçado marcado ritmadamente por janelas apontadas de dupla verga recta.

³³ Sobre este edifício, ver: LEAL, Joana da Cunha, "Às Portas de Lisboa: O Palacete de J. M. Eugénio de Almeida em São Sebastião", in *Revista de História da Arte*, Lisboa, Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006, nr. 2, pp. 106-125; LEAL, Joana da Cunha, *Giuseppe Cinatti (1808-1879): Percurso e Obra*, Lisboa, texto policopiado (Dissertação de Mestrado na Universidade Nova de Lisboa), 1996, pp. 227-229.

– A Quinta da Torrinha³⁴, em Lisboa, mandada edificar em 1892 por José Simões Ferreira Machado com uma forma acastelada. O edifício, de um piso, possuía uma torre de três andares no centro da fachada principal, marcando a entrada principal, e tanto a torre como o restante edifício eram coroados por ameias; enquanto os ângulos da torre eram marcados por guaritas/escaragaitas, as quatro esquinas do edifício eram por sua vez formadas por quatro torretas octogonais ameadas que se erguiam acima do topo da fachada; outras duas torretas ameadas, ligeiramente mais altas que as anteriormente referidas, ladeavam a entrada principal do edifício e definiam ao mesmo tempo a largura da torre, enquadrando-a; a fenestração possuía arcos de volta perfeita no piso térreo, sendo as janelas dos dois pisos superiores da torre geminadas e com arcos ogivais. Augusto de Albuquerque promoveu uma remodelação do edifício entre 1914 e 1916, que lhe conferiu uma fisionomia menos acastelada. As ameias das torretas foram substituídas por coberturas piramidais, tendo a altura destas aumentado; a porta principal passou a ter um arco ogival, as janelas geminadas dos pisos superiores da torre foram substituídas por uma janela ogival no piso superior e por um grande janelão no primeiro piso; foi acrescentado mais um piso ao edifício, possuindo a fenestração deste janelas ogivais; e o edifício foi revestido exteriormente por azulejos com padrão vegetalista.

– A Casa do Castelo de Sistelo, perto de Arcos de Valdevez, mandada construir em finais do século XIX por Manuel António Gonçalves Roque (1834-1885), Visconde do Sistelo; após ter emigrado muito novo para o Brasil e aí ter feito fortuna, foi agraciado com o título nobiliárquico como reconhecimento pelas suas acções de benemérito, e foi nesse sentido que teria mandado construir, na sua aldeia natal, um solar acastelado, marcando assim a sua nova posição social. O edifício principal, de planta quadrangular e de dois pisos, possui a fachada principal com dois torreões ladeando a entrada situada a eixo; os torreões estão coroados por ameias e possuem as esquinas chanfradas, tendo uma janela em cada piso e uma fresta num semi-piso superior; o tramo central entre as torres é composto, no piso térreo, por uma pequena galeria de dois arcos antecedendo a entrada e, no piso superior, por uma galeria que, inicialmente, teria sido coberta.

– O Castelo Engenheiro Silva, na Figueira da Foz, edificado em finais do século XIX para o engenheiro hidrográfico Francisco Maria Pereira da Silva (1813-1891), tendo sido remodelado na década de 1920 sem contudo ser alterada a feição acastelada. O edifício, de três andares e situado num gaveto, é coroado por ameias e possui, na esquina, uma pequena torre ameada, além de dois balcões ameados ao nível do segundo piso, em ambas as fachadas viradas para a rua. A profusa fenestração tem algumas influências neomanuelinas – nomeadamente as janelas geminadas –, e o coruchéu, ligeiramente recuado em relação à esquina do gaveto, alude às agulhas góticas ou aos coruchéus manuelinos.

– O Castelo de Alvega, em Alvega, perto de Abrantes, mandado construir por José Ferreira Santana (1845-1925) em finais do século XIX; o edifício, composto por dois volumes paralelepípedicos de dois pisos, é todo ele coroado por ameias suportadas sobre frisos em arcatura, possuindo algumas guaritas e pináculos nos ângulos; a torre, de três pisos, é também ela ameada com frisos em arcatura e com escaragaitas nos ângulos; o topo do volume menor é rematado por uma galeria de dois pisos, com arcadas ogivais; o aspecto palacial é dado pelos dois tramos da fachada principal mais salientes, com balcões/varandas no piso superior e que se elevam, no topo acima do restante corpo a que se associam.

³⁴ Sobre este edifício, ver: FERREIRA, Catarina, *Revisitar o Castelinho: Reabilitação e Reconversão do Castelinho no Centro de Divulgação e Ampliação do Centro de Investigação da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa*, Lisboa, texto policopiado (Dissertação de Mestrado na Universidade de Lisboa), 2015; SILVEIRA, Carlos da; FRAGOSO, Alberto Pilatos; DIAS, José Pedro Sousa, "A Quinta da Torrinha e as Instalações da Faculdade de Farmácia de Lisboa", in *Medicamento, História e Sociedade*, Lisboa, Associação Nacional das Farmácias, 1986, nr. 4, pp. 37-41.

– O Palácio do Conde de Azarujinha, em Azaruja, perto de Évora, edificado na segunda metade do século XIX por António Augusto Dias de Freitas (1830-1904), Conde de Azarujinha. O edifício, um volume paralelepípedo de dois andares, apesar de algumas características clássicas como o alpendre com colunas neoclássicas jónicas que antecede a entrada principal, possui uma feição acastelada marcada pelo remate ameado de todo o edifício, e pelo uso de botaréus rematados por ameias e cuja altura, elevando-se acima do restante edifício, as remete para as escaragaitas medievais; a fisionomia fortificada poderá ter sido reflexo da ascensão social do proprietário possibilitada mediante a atribuição do título nobiliárquico.

– A Torre da Marquesa, na Quinta do Bom Sucesso, em Alferrarede (perto de Abrantes), mandada construir por Carlos do Amaral Pereira e Meneses (1865-1909), Conde de Alferrarede; o edifício, que estaria finalizado em 1891, poderá ter sido construído como forma de afirmação da nova linhagem nobiliárquica do seu proprietário, instituída em 1882. O conjunto acastelado é composto por vários volumes paralelepípedos diferentes, de um, dois e três andares (estes últimos mais ao centro), adossados entre si e coroados com ameias; nas esquinas principais existem torretas semelhantes a botaréus, bem como guaritas em alguns ângulos do edifício; o torreão cilíndrico, de três andares, possui no seu topo uma pequena torreta de um andar; a fenestração do edifício possui volta perfeita (embora as molduras decorativas manifestem o uso do arco ogival), com excepção das frestas das torrestas e das portas ogivais.

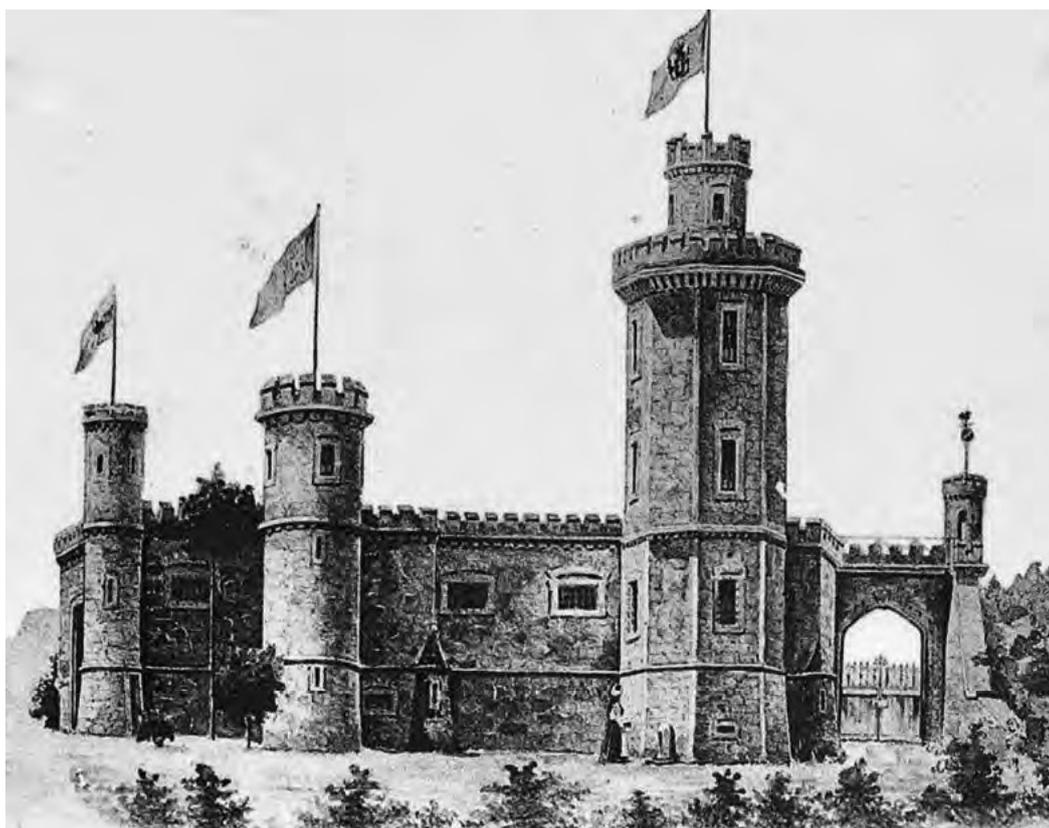


Fig. 5 – Castelo da Boa Vista em Albergaria-a-Velha, cartão-postal de autor anónimo, s/d (fonte: <http://blogdealbergaria.blogspot.com>).

– O Castelo da Boa Vista em Albergaria-a-Velha³⁵, construído entre 1896 e 1900 para João Patrício Álvares Ferreira (1854-1922), com projecto de Joaquim António Vieira. A edificação acastelada foi construída anexa ao Palacete da Boa Vista, um edifício simples de dois andares, com planta em U assimétrico e com linguagem neopombalina; o castelo, de pedra aparente, é constituído por um volume paralelepípedo de um andar (mais outro semi-enterrado de menor altura), a que se adossa um torreão octogonal, uma torre cilíndrica e duas torretas também elas cilíndricas; o torreão possui um andar semi-enterrado, sobreposto por mais três andares, a que se soma, no topo, mais uma torreta octogonal de um andar e com menor diâmetro; o castelo, o torreão, a torre e as torretas estão todos coroados por ameias, sendo que o torreão possui ainda, no seu topo, uma galeria alusiva às galerias medievais com matacões.

– O Palacete Barros³⁶, em São João do Estoril, iniciado em 1896 segundo projecto do arquitecto italiano Cesare Lanz (†1901), tendo sido construído no mesmo lugar onde se situava o Forte de Santo António da Assubida, um forte seiscentista comprado por João Martins de Barros e depois demolido em grande parte, para a edificação da sua nova residência. O novo edifício, em pedra aparente, apresentava enormes cubelos redondos e quadrangulares de aspecto maciço, um dos quais com uma ponte de pedra a ligá-lo ao corpo principal da residência, como se fosse uma torre-albarrã. O núcleo residencial apresentava uma galeria neo-renascentista que evocava a existente na Torre de São Vicente em Lisboa; possuía ainda uma torre central que servia de miradouro e que, uma vez mais, aludiria também às torres de menagem dos castelos. O conjunto edificado, com elementos arquitectónicos revivalistas de âmbito neomedieval, era coroado por ameias e frisos em arcatura.



Fig. 6 – Palacete Barros em São João do Estoril, cartão-postal de autor anónimo, s/d
(fonte: <http://cultura.cascais.pt/galerias/cascais-ilustrado>).

³⁵ Sobre este edifício, ver: FERREIRA, Delfim Bismarck, "O Castelo e Palacete da Boa Vista, em Albergaria-a-Velha", in *Patrimónios*, Aveiro, Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro, 2010, nr. 8 (2.ª série), pp. 69-110.

³⁶ Sobre as casas de veraneio na Linha de Cascais, ver entre outros: SILVA, Raquel Henriques, "Arquitectura de Veraneio: Alguns Tópicos Sobre o que é e Algumas Pistas para o que Falta Saber", in *Monumentos*, Lisboa, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2011, nr. 31, pp. 84-91; BRIZ, Maria da Graça Gonzalez, *A Arquitectura de Veraneio: Os Estoris (1880-1930)*, Lisboa, Texto Policopiado (Tese de Mestrado na Universidade Nova de Lisboa), 1989.

– O Palacete O’Neil³⁷ (também chamado Torre de São Sebastião ou Palacete dos Condes de Castro Guimarães) em Cascais, mandado construir por Jorge Torlades O’Neil (1849-1925), Visconde de Santa Mónica. Os projectos iniciais, da autoria de Luigi Manini e executados em 1897, mostravam um edifício acastelado com torres e ameias, embora também com amplas galerias, arcadas, terraços, varandas e fenestração de pendor neomedieval (neorromânico, neogótico, neomourisco e neomanuelino); a volumetria orgânica era composta por corpos verticais coroados por telhados em agulha e de elevada pendente, em conjugação com volumes horizontais; a fonte de inspiração seria proveniente do norte de Itália, embora temperada por influências locais. Porém, face à discordância por parte de Jorge O’Neil relativamente às propostas de Manini, foi pedido a este que colaborasse com o pintor Francisco Vilaça (c.1850-1915) no desenvolvimento do projecto, tendo ambos desenvolvido conjuntamente, em 1898, um projecto sem características acasteladas. Francisco Vilaça acabou depois por desenvolver sozinho o projecto com base em algumas ideias de Manini, estando em 1904 finalizado o edifício. Este apresentava do lado da enseada uma imponente torre acastelada de pedra aparente, marcada por algumas janelas e balcões, encostando-se a um edifício palacial sem qualquer estética acastelada. O arquitecto alemão Karl Albrecht Haupt (1852-1932) terá ajudado a definir a volumetria exterior do palacete, ao fixar algumas das varandas e alpendres com formas consentâneas com a arquitectura tradicional portuguesa. O edifício foi vendido em 1910 a Manuel Inácio de Castro Guimarães (1858-1927), Conde de Castro Guimarães, que procedeu a algumas alterações menores.



Fig. 7 – Projecto para o Palacete O’Neil em Cascais, desenho de Luigi Manini, 1897
(fonte: Museo Civico di Crema).

³⁷ Sobre este edifício, ver: PEREIRA, Denise, LUCKHURST, Gerald, “O Programa Estético da Casa de Jorge O’Neill, a Partir dos Contributos de Luigi Manini, Francisco Vilaça e Albrecht Haupt”, in *Monumentos*, Lisboa, Direcção-Geral do Património Cultural, 2011, nr. 31, pp. 92-105.

– O Palácio Foz, em Torres Novas, também conhecido por Quinta do Marquês, mandado edificar por Tristão Guedes Correia de Queiroz (1849-1917), Marquês da Foz, e construído entre 1901 e 1907 no local onde antes existiu um solar seiscentista; à imagem do Palacete O’Neil, também este edifício foi inicialmente concebido por Luigi Manini, mas o desenvolvimento do projecto foi depois conduzido por António Gameiro Serrão, apesar de seguir a estética acastelada sugerida por Manini. O palácio é composto por um edifício de dois andares em forma de L, com uma ala ligeiramente mais elevada que a outra; à ala mais baixa anexa-se uma torre de cinco pisos na parte interior, formando o conjunto uma planta em U assimétrica, e uma torre menor na parte exterior, com a mesma altura da ala adjacente; a torre maior e a ala mais alta são coroados por ameias decoradas com flores-de-lis, ao passo que a ala mais baixa e a torre menor são rematadas por platibandas rendilhadas com flores-de-lis e outros motivos decorativos inspirados no Mosteiro da Batalha, ficando os ângulos do edifício marcados por guaritas; a linguagem estética denota influências medievais (especialmente neomanuelinas, mas também neogóticas e neomouriscas), nomeadamente as colunas torsas, as janelas maineladas e/ou caireladas, os pequenos botaréis com pináculos, e as ameias e platibandas antes mencionadas; em torno do edifício existe ainda um muro ameado, lembrando as barbacãs medievais.

– A Casa dos Peixotos³⁸ (ou Casa da Pousada) em São Pedro de Azurém (Guimarães), uma casa com origem medieval que foi criativamente restaurada a partir de 1903 por José Maria de Moura Machado, que lhe concedeu a feição acastelada. Nesse sentido, a altura da estrutura medieval preexistente foi aumentada, sendo-lhe dada uma forma torreada; esta nova torre e a parte do edifício que é posterior ao período medieval foram ambos coroados com merlões, bem como um corpo novo construído para albergar a cozinha e instalações sanitárias; foram ainda abertas várias janelas ogivais, e colocadas algumas gárgulas no edifício. Em 1959 procedeu-se a novas obras no edifício, nomeadamente a construção de novas escadas exteriores de acesso ao piso superior, obras interiores, e pequenas alterações nas fachadas.

– O Castelo dos Trigueiros, no Fundão, iniciado em 1908 para José Trigueiros Martel (1852-1888), sendo Januário Martins de Almeida o autor do projecto. O edifício é composto por uma torre de cinco andares acoplada a um corpo principal de três pisos, ambos coroados por ameias; o conjunto possui profusa fenestração de diferentes formas, uma varanda sobre a entrada principal com terraço por cima, um terraço no último andar situado no ângulo oposto à torre, e um balcão no último piso da torre que alude aos balcões defensivos com matacães.

– O Castelo D. Chica³⁹, em Braga, também conhecido como Castelo de Palmeira, iniciado em 1915 para a abastada luso-brasileira Francisca Peixoto Rego (1895-1958), segundo o projecto do arquitecto suíço Ernesto Korrodi (1870-1944); em 1919 a construção foi interrompida, quando o exterior estava quase terminado mas o interior estava ainda inacabado, motivando algumas intervenções pontuais sofridas ao longo dos anos. O edifício acastelado, de três andares, mistura influências provenientes dos paços acastelados tardo-góticos e renascentistas franceses, bem como alguns elementos do norte de Itália, e ainda dos revivalismos britânico e germânico; a citação à arquitectura militar é feita pelo torreão cilíndrico coberto por telhado em agulha, pela elevada torre de planta octogonal a que se acopla uma torreta, pelo balcão na torre (imitando os balcões de matacães), e pelo coroamento de ameias em várias partes do edifício, bem como o uso de frisos em arcatura; porém, o aspecto palatino está igualmente muito presente na profusão de

³⁸ Sobre este edifício, ver: MORAES, Adelaide Moraes, “Velhas Casas: Casa da Pousada – freguesia de Azurém”, in *Boletim Trabalhos Históricos*, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1975-77, vol. 28, pp. 2-108; MACHADO, José de Moura, “A Casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém – Guimarães”, in *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1972, nr. 83, pp. 145-164.

³⁹ Sobre este edifício, ver: COSTA, Lucília Verdelho da, *Ernesto Korrodi (1889-1944): Arquitectura, Ensino e Restauo do Património*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997.

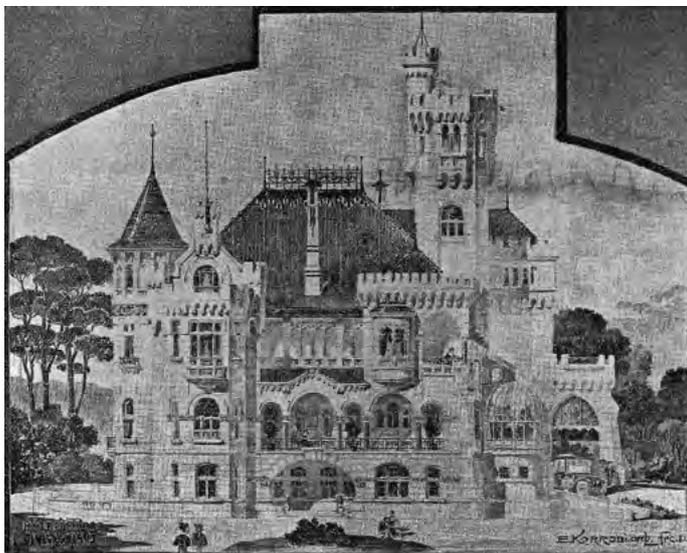


Fig. 8 – Projecto para o Castelo D. Chica em Braga, desenho de Ernesto Korrodi, 1915
(fonte: <http://historiaporumcanudo.blogspot.com>).

janelas, varandas, alpendres e galerias de arcadas, misturando linguagens estéticas neogóticas, neo-renascentistas e outros revivalismos.

– A Torre de São Patrício⁴⁰, no Monte Estoril, construída entre 1918 e 1920 para Jorge O’Neil, seguindo o projecto de Raul Lino (1879-1974). O conjunto edificado é composto por uma torre adossada a uma casa apalaçada que contém um claustro; a torre neomedieval, de quatro andares, é coroada por ameias e possui nos seus ângulos escaragaitas, tendo ainda janelas de volta perfeita nos pisos superiores e, ao nível do piso térreo, um alpendre sobre a porta de acesso; a parte palacial, de três pisos, possui alpendres e janelas com arcarias, janelas simples e geminadas, escadarias e outros elementos, onde as influências neogóticas, neomanuelinas, neomouriscas, neobarrocas e da arquitectura tradicional são visíveis.

– A casa acastelada da Peninha, na Serra de Sintra (Colares), mandada construir por António Augusto de Carvalho Monteiro (1848-1920), substituindo umas casas anexas à Capela de Nossa Senhora da Penha, fundada no século XII e reconstruída por Pedro da Conceição em finais do século XVII; o projecto do edifício acastelado, que englobou a capela preexistente no seu conjunto, foi da autoria de Júlio Fonseca, tendo as obras sido iniciadas em 1918. Com excepção da capela, o restante edifício é coroado por ameias, destacando-se na sua fenestração a enorme serliana que define uma varanda coberta virada para o mar.

– O Castelo do Pasteleiro, na Quinta do Monte Sereno (Sintra), iniciado entre 1925 e 1927 por José Gregório Casimiro Ribeiro com intuito de estabelecer aí uma pousada; a sua construção foi interrompida pouco depois e retomada uma década mais tarde, tendo sido finalizada com projecto de Jorge Santos. O edifício acastelado é composto por uma torre ameada de cinco andares inserida num canto do conjunto edificado escalonado de três e quatro pisos, sendo o seu remate superior coroado com ameias (as próprias chaminés, pontuando o edifício, possuem coroaamento ameado); a torre, além das ameias, possui ainda

⁴⁰ Sobre este edifício, ver: BRIZ, Maria Graça Gonzalez, *A Arquitectura de Veraneio: Os Estoris 1880-1930*, Lisboa, texto policopiado (Dissertação de Mestrado na Universidade Nova de Lisboa), 1989.

escaragaitas paralelepípedicas nos seus ângulos e janelas com balcões; enquanto as janelas inferiores são ogivais, as superiores são de verga recta; o jardim em torno do edifício é delimitado por um muro ameado.

– O Castelo de Nossa Senhora de Fátima⁴¹, em São Pedro do Estoril, construído em 1927 para José Luís Rodrigues Cebola (1876-1967) segundo projecto do arquitecto Jorge Segurado (1898-1990), que teria refeito um projecto anterior mantendo, no entanto, a forma acastelada. O edifício, de dois pisos, apresenta-se na sua totalidade coroado por ameias decorativas ornamentadas com Cruzes de Cristo; além de uma pequena torre de um andar que se ergue acima do segundo piso, existe ainda um torreão cilíndrico com cobertura em agulha que se eleva acima da torre, um balcão na face da torre virada para o mar, e guaritas nos ângulos do piso superior; na fachada virada para a estrada encontra-se a entrada principal, sob um alpendre coberto por um coruchêu neomanuelino; no piso térreo, a fachada virada para o mar apresenta duas pequenas galerias com arcos apontados, formando ao nível superior dois terraços; as janelas são todas elas ogivais.

EPÍLOGO

Existirão ainda mais casos de residências acasteladas revivalistas dos séculos XIX e XX espalhadas pelo país, sobre as quais o conhecimento existente ainda é muito limitado ou a sua existência é ainda ignorada na generalidade. Para não mencionar edifícios acastelados que entretanto foram sendo abandonados e caíram em ruína, ou que foram alvo de intervenções de remodelação ou ampliação que os desvirtuaram. E existem ainda aqueles que, não sendo revivalistas – pois são provenientes de uma continuidade tradicional relacionada com a edificação de solares com torres e ameias –, poderiam eventualmente ser referidos, pelo menos em parte.

Assim sendo, apenas a título de exemplo, poderíamos citar também outros edifícios acastelados revivalistas sobre os quais o conhecimento ainda é ínfimo: o palacete acastelado de São Paio, na Afurada (Vila Nova de Gaia), mandado construir na década de 1840 por Antero Albano da Silveira Pinto (1819- 1852); o edifício acastelado da Quinta das Torres, em Carnaxide, perto de Oeiras, mandado edificar em 1884 por António Augusto de Melo e Carvalho (1838-1891), Visconde de Moreira de Rei; o Castelo de Vandoma, na Quinta do Mirante, Vila Nova de Gaia, edificada em finais do século XIX; o palacete acastelado do Conde de Azarujinha em São João do Estoril, começado a edificar em inícios do século XX; o edifício acastelado construído para José Pedro de Matos em Montemor-o-Novo, projectado por Alfredo da Costa Campos em princípios do século XX; a casa acastelada de apoio situada na Quinta da Regaleira, em Sintra, projectada por Luigi Manini, no início do século XX, para António Carvalho Monteiro; a torre acastelada da Herdade de Entre-as-Ribeiras (Portalegre), mandada construir por José Carrilho de Moura em meados do século XX. Mas também o palacete acastelado da Rua de São Sebastião em Castelo Branco, de finais do século XIX, ou as residências acasteladas situadas em Geraldês (Peniche), na Apúlia (Esposende), na Foz do Arelho (Caldas da Rainha) ou em Paço de Arcos (Oeiras), previsivelmente construídas em meados do século XX mas sobre as quais a informação é relativamente escassa e pouco divulgada.

Interessa por isso, a bem da história da arquitectura portuguesa, desenvolver um estudo mais aprofundado e integrado sobre o tema dos edifícios acastelados revivalistas de finais do século XVIII até à primeira metade do século XX, fixando para memória futura este importante acervo que se encontra ainda incógnito em muitos sentidos.

⁴¹ Sobre este edifício, ver: PINCHA, João Pedro, "Era uma vez no Castelinho: Quem tem Medo dos Fantasmas do Estoril?", in *Observador*, 21 Maio 2016 <<http://observador.pt/especiais/era-uma-vez-no-castelinho-quem-tem-medo-dos-fantasmas-do-estoril>>.